

A VIRILIDADE FEMININA DE HERVOR: L'ÉPÉE D'ANGANTYR (A ESPADA DE ANGANTYR), DE LECONTE DE LISLE, 1862.

THE FEMALE VIRILITY OF HERVOR: L'ÉPÉE D'ANGANTYR (THE SWORD OF ANGANTYR), BY LECONTE DE LISLE, 1862.

Luciana de Campos¹

Resumo: Apresentamos uma proposta de tradução do poema *L'Épée d'Angantyr*, escrito por Leconte de Lisle em 1862, antecedida por uma introdução e contexto histórico, seguida posteriormente por algumas breves considerações analíticas e um adendo iconográfico.

Palavras-chave: *Hervararkviða*; Literatura nórdica medieval; Poesia romântica; Literatura francesa.

Abstract: We present a proposal for a translation of the poem *L'Épée d'Angantyr*, written by Leconte de Lisle in 1862, preceded by an introduction and historical context, followed later by some brief analytical considerations and an iconographic addendum.

Keywords: *Hervararkviða*; Medieval Nordic literature; Romantic poetry; French literature.

1. Introdução

O poeta parnasiano Charles Marie René Leconte de Lisle (1818-1894) ficou mais conhecido por Leconte de Lisle, e sua obra foi influenciada pelo Simbolismo e profundamente marcada pela referência aos mitos, Ocidentais e Orientais. Os seus poemas o tornaram célebre principalmente os apresentados em três coletâneas: *Poèmes antiques* (1852), *Poèmes barbares* (1862) e *Poèmes tragiques* (1884) (Vianey, 1973, p. 12-20).

¹ Doutora em Letras pela UFPB. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos e Northern Women Arts Collaborative. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2749-4122>. E-mail: fadacelta@yahoo.com.br

A obra *Poèmes barbares*, publicada originalmente sob o título de *Poésies barbares*, reuniu diversos poemas que anteriormente foram divulgados isoladamente em revistas, com temática variada, indo desde a Antiguidade Clássica, passando pelo Oriente e chegando até o mundo nórdico medieval. Sobre essa última temática destacamos os poemas, *La legende des Norne*, *La vision de Snorr*, *Le cœur de Hialmar* e *L'épée d'Angantyr*.

A temática escandinava começou a ser divulgada na literatura francesa no início do século XVIII, com a publicação da obra seminal, *Introduction à l'Histoire de Dannemarc*, de autoria do suíço Paul-Henry Mallet, publicado pela primeira vez em Copenhague em 1755. Esta obra deu início ao denominado *Renascimento Nórdico*, que levou diversos escritores e artistas do Ocidente a se interessarem de maneira apaixonada pela literatura e mitologia nórdica antiga. Na França, diversos escritores enveredaram-se por essa seara, transferindo posteriormente seu foco para a imagem do Viking, durante o início do Romantismo. A maior influência e também inspiração para Lisle foi a obra de Xavier Mamier (1808-1892) (Vianey, 1973, p. 112.)

Nos anos 1830, Mamier realizou várias viagens para a Escandinávia, onde teve a oportunidade de aprender as línguas islandesa e dinamarquesa. Em 1839, foi nomeado professor de letras escandinavas na Universidade de Rennes e publicou vários livros que versavam sobre a literatura nórdica, a exemplo de *Langue et littérature islandaises* (1838), *Histoire de la littérature en Danemark et en Suède* (1839) e *Chants populaires du Nord* (1842). No que diz respeito aos estudos de Mitologia Nórdica, e, conseqüentemente a sua referência tanto na poesia, prosa ou nos textos teóricos, Lisle recorreu às traduções das *Eddas* realizadas por Mallet em 1756.

A principal fonte inspiradora de Lisle para a criação do poema, *L'Épée d'Angantyr* foi o poema éddico *Hervararkviða* (A canção de Hervor), que se encontra na *Hervarar saga ok Heiðreks* (século XIII), uma das mais populares sagas lendárias da Islândia. O poema apresenta a visita de Hervor ao túmulo do seu pai para reivindicar a espada que pertenceu a sua família. Seu pai, Angantyr surge como um fantasma e lhe entrega sua herança, a espada amaldiçoada

Tyrfing, que possui a capacidade de cortar qualquer homem quando desembainhada e que teria sido forjada por anões.² Hervor foi uma órfã de alta estirpe que foi escravizada e, logo depois tornou-se pirata, assumindo posições masculinas na *Hervarar saga* (Campos, 2018, p. 158-167). Hervor reflete o que o mais célebre dos escandinavistas francês, Régis Boyer, denominou de “mulheres viris”, pelo qual o nosso presente trabalho recebeu um epíteto semelhante.³

A *Hervararkviða* obteve um grande sucesso a partir do século XVII, sendo traduzida para o inglês por George Hickes (*The Waking of Angantyr*, 1671) e durante os primeiros anos do chamado “Renascimento Nórdico”, iniciado por Thomas Percy e seu *The Incantation of Hervor* (incluído na coletânea *Five Pieces of Runic Poetry*, 1763). A partir das versões em inglês, o encontro de Hervor com seu pai também foi popularizado nas artes visuais por vários pintores europeus (ver figuras 1 a 6, adendo iconográfico). Leconte de Lisle concebeu o seu poema inspirado na versão francesa de Xavier Mamier para a *Hervararkviða* (*Chante de Hervor*, em sua obra, *Chants populaires du Nord*, 1842, p. 62 e 63).⁴

O nosso projeto tradutório desse poema concentrou-se no que muitos teóricos da tradução denominam de “tradução recriada”, ou seja, a proposta altera a métrica e a rima, conservando a ideia central da obra e transmitindo ao leitor exatamente a mensagem expressa no poema. As nossas escolhas, opções e ajustes mostram portanto que a tradução pode apresentar elementos que tenham ficado inferior ao original e que recorreremos muitas vezes a nossa criatividade e também a cruzamentos com outras leituras que estavam mais voltadas para uma teoria da literatura escandinava medieval e em alguns pontos foi necessário “sacrificar” alguns termos procurando equivalentes para que o sentido original do poema permanecesse. Portanto, realizamos uma tradução interpretativa do poema, sem levar em

² Para uma análise detalhada da maldição de Tyrfing, utilizando uma perspectiva comparada com a tradição éddica, consultar Coppola, 2012, p. 445-457.

³ “feminismo agressivo (...) mulheres-homens, quer dizer, em primeira análise, mulheres “anti-homens”, que procuram eliminar o macho ou reduzi-lo a estados inofensivos, se não subalternos”, Boyer, 1997, p. 745.

⁴ Vianey, 1973, p. 112. Também o poema *Le cœur de Hjalmar*, de Leconte de Lisle, foi influenciado pela tradução de Xavier Mamier da *Hervarar saga og Heidreks* (Boyer, 1986, p. 100).

conta a sua rima e métrica, por exemplo, mas nunca menosprezando os critérios de fidelidade ao texto original, mas que por uma questão de adequação foram aqui suprimidos (Diniz, 2001, p. 10).

2. Tradução

L'Épée d'Angantyr, Leconte de Lisle, 1862.⁵

Angantyr, dans sa fosse étendu, pâle et grave,
À l'abri de la lune, à l'abri du soleil,
L'épée entre les bras, dort son muet sommeil;
Car les aigles n'ont point mangé la chair du brave,
Et la seule bruyère a bu son sang vermeil.

Au faite du cap noir sous qui la mer s'enfonce,
La fille d'Angantyr que nul bras n'a vengé
Et qui, dans le sol creux, gît d'un tertre chargé,
Hervor, le sein meurtri par la pierre et la ronce,
Trouble de ses clameurs le héros égorgé.

⁵ Utilizamos a publicação original: De Lisle, 1862, pp. 124-128.



Hervor:

Angantyr, Angantyr ! c'est Hervor qui t'appelle.

Ô Chef, qui labourais l'écume de la mer,

Donne-moi ton épée à la garde de fer,

La lame que tes bras serrent sur ta mamelle,

Le glaive qu'ont forgé les Nains, enfants d'Ymer.

Angantyr:

Mon enfant, mon enfant, pourquoi hurler dans l'ombre

Comme la maigre louve au bord des tombeaux sourds?

La terre et le granit pressent mes membres lourds,

Mon œil clos ne voit plus que l'immensité sombre;

Mais je ne puis dormir si tu hurles toujours.

Hervor:

Angantyr, Angantyr ! sur le haut promontoire

Le vent qui tourbillonne emporte mes sanglots,

Et ton nom, ô guerrier, se mêle au bruit des flots.

Entends-moi, réponds-moi de ta demeure noire,



Et soulève la terre épaisse avec ton dos.

Angantyr:

Mon enfant, mon enfant, ne trouble pas mon rêve:

Si le sépulcre est clos, l'esprit vole au dehors.

Va! Je bois l'hydromel dans la coupe des forts;

Le ciel du Valhalla fait resplendir mon glaive,

Et la voix des vivants est odieuse aux morts.

Hervor:

Angantyr, Angantyr ! donne-moi ton épée.

Tes enfants, hormis moi, roulent, nus et sanglants,

Dans l'onde où les poissons déchirent leurs reins blancs.

Moi, seule de ta race, à la mort échappée,

Je suspendrai la hache et le glaive à mes flancs.

Angantyr:

Mon enfant, mon enfant, restons ce que nous sommes:

La quenouille est assez pesante pour ta main.

Hors d'ici ! Va ! La lune éclaire ton chemin.



Ô femme, hors d'ici ! Le fer convient aux hommes,
Et ton premier combat serait sans lendemain.

Hervor:

Angantyr, Angantyr! rends-moi mon héritage.
Ne fais pas cette injure à ta race, ô guerrier!
De ravir à ma soif le sang du meurtrier.
Ou, sinon, par Fenris ! puisse le loup sauvage
Arracher du tombeau tes os et les broyer!

Angantyr:

Mon enfant, mon enfant, c'est bien, ton âme est forte.
La fille des héros devait parler ainsi
Et rendre à leur honneur son éclat obscurci.
Prends l'Épée immortelle, ô mon sang, et l'emporte!
Cours, venge-nous, et meurs en brave. La voici.

Angantyr, soulevant le tertre de sa tombe,
Tel qu'un spectre, les yeux ouverts et sans regards,
Se dresse, et lentement ouvre ses bras blafards



D'où l'épée au pommeau de fer s'échappe et tombe.

Et le héros aux dents blanches dit: Prends et pars!

Puis, tandis qu'il s'étend sur le dos dans sa couche,

Qu'il recroise les bras et se rendort sans bruit,

Hervor, en brandissant l'acier qui vibre et luit,

Ses cheveux noirs au vent, comme une ombre farouche,

Bondit et disparaît au travers de la nuit.

A espada de Angantyr, Leconte de Lisle, 1862 (proposta de tradução de Luciana de Campos).

Angantyr, de sua sepultura escutou, pálido e austero,

Ao abrigo do luar, ao abrigo do sol,

A espada entre seus braços, dorme seu tranquilo sono

Pois as águias não podem devorar a carne do bravo.

E só a urze⁶ sorveu seu sangue vermelho.

⁶ Urze - *Calluna vulgaris*. É o nome de diversas plantas da família das Ericaceae, elas nascem e crescem espontaneamente em solos pobres na Europa do Norte e recobra colinas e prados, muito comum também habitações e locais abandonados com os cemitérios. Suas flores tem a forma de um sino e podem ser cor-de-rosa, branca e vermelha (Martins-da-Silva, 2014).



Do alto do cabo negro sob o qual o mar imerge,
A filha de Angantyr, que não foi vingada por nenhum braço
E que, entre o solo estéril, jaz em um monte vazio,
Hervor, a de peito moldado por pedra e dificuldade
Frenesi dos teus clamores aos heróis massacrados.

Hervor:

Angantyr! Angantyr! É Hervor que tem chama!
Ó Mestre, que sulcou a espuma do mar,
Dá-me tua espada pela grade de ferro,
A lâmina que teus braços acolhem sobre teu peito,
O instrumento da vingança forjada pelos anões, filhos de Ymer.

Angantyr:

Minha filha, minha filha, por que gritas nas sombras?
Como um lobo esguio rondando os túmulos surdos?
Terra e granito pesam sobre meus ombros,
Meus olhos cerrados veem apenas a escura imensidão
Mas eu não posso dormir com seus gritos!



Hervor:

Angantyr, Angantyr! Sobre o alto promontório,
O vento rodopiante carrega meus soluços
E seu nome, ó guerreiro se mescla ao som das ondas
Ouça-me, responda-me de sua negra morada
E levante a pesada terra de teu torso.

Angantyr:

Minha filha, minha filha, não perturbe meu sonho.
Se o sepulcro está fechado, o espírito voa para voa longe
Vá! Eu bebo o hidromel na taça dos fortes.
O céu de Valhalla faz reluzir minha espada.
E a voz dos vivos é odiosa aos mortos.

Hervor:

Angantyr, Angantyr! Dá-me tua espada.
Teus filhos, exceto eu, volvem nus e ensanguentados
Nas ondas onde os peixes rasgam suas brancas entranhas.
Eu, última de sua estirpe, da morte escapei,



Eu cingirei o machado e a espada nos meus flancos.

Angantyr:

Minha filha, minha filha eis o que nós somos:

A roca de fiar é suficientemente pesada para a tua mão

Saia daqui! Vá! A lua iluminará teu caminho.

Ó mulher, saia daqui! O ferro convém aos homens,

E teu primeiro combate será breve.

Hervor:

Angantyr, angantyr! Restitua minha herança!

Não cometa tal injúria a tua raça, ó guerreiro!

Para arrebatarmos a minha sede de sangue do assassino

Ou, senão, por Fenrir! Que o lobo selvagem

arranque da sepultura teus ossos e os esmague!

Angantyr:

Minha criança, minha criança!

Está tudo bem, tua alma é forte!

A filha de heróis deve falar assim.



E devolva a honra ao seu brilho obscurecido

Pegue a espada imortal, ó meu sangue e leve-a.

Corra, vingue-nos e morra bravamente. Eis aqui!

Angantry, levantando sobre o monte de sua tumba,

Tal qual um espectro, os olhos abertos e sem enxergar,

Levanta-se e abre lentamente os pálidos braços

De onde a espada com a empunhadura de ferro escapa e cai

E os heróis com dentes brancos dizem: “ - Pegue e vá!”

Então, quando ele está deitado de costas em seu repouso

Quando cruza os seus braços e faz seu taciturno sono,

Hervor, brandindo o aço que vibra e soa

Seus cabelos negros ao vento, com sua sombra feroz,

Salta e desaparece através da noite.

3. Análise

A tradução proposta para o poema *L'Épée d'Angantyr*, escrito por Leconte de Lisle em 1862 e que integra a obra *Poèmes barbares*, nos apresenta a icônica cena da Saga de Hervor que é o encontro da filha com o fantasma do pai para reaver a espada da família e, assim, permitir que a vingança tão desejada por Hervor seja levada a termo.

Esse episódio da Saga recebeu diversas representações artísticas entre ilustrações, pinturas à óleo e até peças musicais, além é claro de poema de Lisle que, generosamente inspirado pelo clima romântico da época compôs essa obra que captura o clima do encontro descrito na saga adornando-o com os filigranas e típicos e tão caros ao Romantismo.

O poema integra uma obra intitulada *Poèmes barbares*, (Poemas bárbaros”) de 1862 nos quais Lisle reconta em seus versos trechos das Sagas e da Mitologia nórdica que demonstram heroísmo e bravura predicados condizentes com os ideais românticos que por meio desses poemas faz alusão aos nacionalismos que eram a tônica da época e andavam de mãos dadas com olhares apaixonados pela temática da morte e dos fantasmas que. Ainda aliados a esses dois elementos basilares, há um terceiro igualmente importante e que para essa tradução por nós apresentada é o fundamental: a representação de uma mulher de grande valentia, sede de vingança e, também em menor proporção, detentora de uma sensualidade velada que vem à tona em doses homeopáticas mas que revelam a personalidade fascinante dessa personagem de ficção que foi o mote inspirador de muitos autores românticos.

A *Saga de Hervor* é uma saga lendária que apresenta em suas linhas elementos míticos e fantásticos que inspiraram algumas criações artísticas românticas como o poema aqui traduzido. A saga descreve uma personagem determinada a trocar de identidade e indumentária para levar adiante seus planos de recuperar a espada que foi de seu pai e, assim empreender sua vingança e restaurar a honra de sua família. A obra de Lisle leva aos leitores o diálogo entre pai e filha e a relutância deste em entregar a espada e a resolução inabalável de Hervor de ter em mãos essa arma símbolo de sua família e instrumento da sua vingança.

O poema se inicia com uma breve descrição das atitudes de Hervor como de seus sentimentos sobre a posse da espada. Essa estrofe introdutória também apresenta ao leitor o cenário tão caro aos românticos: um cemitério abandonado, tumbas em ruínas cobertas por flores cujas pétalas tingiram-se de vermelho graças ao sangue que sorveram dos mortos que jaziam sob suas raízes.

Nesse cenário de desolação e ruínas surge a figura da donzela guerreira exigindo a espada de sua família para vingar a morte de seu pai e irmãos. Hervor diz ao espectro do pai que a espada não lhe é mais necessária portanto Angantyr deve entregá-la. A estrofe vai apresentar Hervor que surge como uma típica personagem heróica do Romantismo: do alto de um promontório exigindo sua herança bélica com seus belos e negros cabelos ao vento. A resposta à jovem guerreira é, ao mesmo tempo uma súplica e um conselho: os mortos devem ser deixados em paz e suas armas precisam jazer quietas pois elas não necessitam mais beber do sangue do inimigo e, as mulheres devem sustentar somente o peso das rodas de fiar, pois o ferro convém aos homens. Convicta de seus pensamentos, Hervor não hesita por um só momento e afirma que o machado e a espada serão usados com honra e habilidade. O espectro do pai, diante da argumentação apaixonada da filha, cede e lhe entrega a espada recomendando que ela seja usada para a vingança e restauração da honra familiar.

O poema de Lisle vai apresentar alguns elementos - mais precisamente três - que não estão presentes no poema éddico *Hervararkviða* e que mostram uma visão pessoal do autor sobre o encontro de Hervor e seu pai. O primeiro é justamente a presença da urze, a flor que nasce em locais ermos que coloriu de vermelho suas pétalas por sugar o sangue dos mortos conferindo assim, ao túmulo abandonado, uma certa nostalgia do sangue derramado nos campos de batalha. A segunda, é a afirmação de Angantyr de estar nos salões de Valhalla desfrutando das taças de hidromel quando no poema original ele está no Reino de Hell e só sai para conversar com sua filha e entregar-lhe a espada. Por essa passagem do poema podemos observar que o poeta assim como muitos outros artistas afirmavam em suas obras que todo e qualquer guerreiro depois de morto adentrava ao Valhalla. E, o terceiro ponto que difere do original é a exaltação de uma função tipicamente feminina: a fiação. Hervor insiste em ter a espada para vingar sua família e o pai a repreende, afirmando que as armas só devem ser portadas pelos homens, as mulheres devem se ocupar com as rocas de fiar, pois suas mãos foram talhadas para segurar o fuso e deixar somente os fios da lã e do linho passarem por seus dedos. Mas, diante da insistência o pai cede aos argumentos pertinentes de sua filha, ele lhe entrega a espada. Mesmo com esses três pontos divergentes do poema original, observamos a

genialidade e sensibilidade do poeta em recriar esse diálogo emblemático da obra medieval, e colocar em seus versos, outros elementos que o tornam grandioso, e, à altura da obra original.

E em relação a Hervor, a valentia e força feminina são retratadas com uma bela roupagem sensualmente sutil, como por exemplo uma longa cabeleira negra ao vento. Essa virilidade feminina sempre cantada, admirada e temida desde a Antiguidade recebe dos artistas do Romantismo - de poetas a escultores - uma atenção especial demonstrando o fascínio que essas personagens exerciam e de como inspiraram criações artísticas exemplares como a *Valquíria*, de Wagner ou o poema *La belle dame sans merci*, de John Keats e das telas dos pintores da escola Pré-Rafaelita como as de Dante Gabriel Rossetti. E criaram belas imagens, como veremos a seguir.

4. Adendo: a influência da *Hervararkviða* na arte visual romântica



Figura 1: *Hervor henter sværdet hos Angartyr* (Hervor recebe a espada de Angantyr), pintura a óleo do dinamarquês Christian Gottlieb Kratzenstein-Stub (1783-1816), s.d., possivelmente executada entre 1800-1815; Fonte: <https://www.artnet.com>

Influenciado pela estética vigente durante o século XVIII, aqui o pintor representa a jovem guerreira portando uma lança, armadura e elmo dentro do referencial bélico de sua época. O seu pai lhe entrega a espada em meio a luminosos raios e labaredas e está completamente nu, uma clara influência do neoclássicismo. Logo atrás de seu túmulo, surge um dólmen pois o megalitismo pré-histórico foi relacionado à Era Viking pelos artistas dinamarqueses e essa tendência seguiu até os anos 1830, quando a Arqueologia moderna descartou tal ligação. A representação da espada não corresponde ao estilo vigente na Era Viking, algo que se torna comum somente após os anos 1850.

TYRFING,

et nordisk Digti fra den mythiske Tid

af

Henrik Hertz.



Kjöbenhavn. 1849.



Figura 2 e 3: Frontispício do livro *Tyrfing, et nordisk digt fra den mythiske tid* (*Tyrfing, um poema nórdico dos tempos míticos*, de Henrik Hertz, Kjöbenhavn: C. A. Reitsel, 1849), com ilustrações do dinamarquês Carl Christian Constantin Hansen (1804-1880).

As ilustrações de Constantin Hansen realizada para o drama de Henrik Hertz baseado na *Saga de Hervor*, seguem uma tradição icônica inaugurada por Christian Gottlieb Kratzenstein-Stub, apesar do livro modificar muito o poema original do medievo (como um diálogo entre Odin e Hervor, além de detalhes da forja de Tyrfing, como na figura 2, que não existem na narrativa medieval). Hansen segue o padrão de um túmulo megalítico, mas desta vez o pai de Hervor está com elmo. A jovem guerreira também porta um elmo, com asas laterais (esse tipo de equipamento teve início nas artes visuais a partir de 1825) e seu cabelo é de cor clara e se projeta ao longo do pescoço. Hervor também porta uma lança e um punhal e foi representada em pose destemida.



Figura 4: *Hervør henter sværdet Tyrfing i Angantyr's høj* (Hervor recebe a espada Tyrfing no túmulo de Angantyr), 1872, Carl Christian Constantin Hansen (1804-1880), pintura a óleo, 42.5 x 47 cm, fonte: <https://www.artnet.com>

Hansen volta a retratar Hervor, baseado no desenho publicado em 1849, mas agora em uma pintura de tons vibrantes. A estrutura da imagem anterior é praticamente conservada, mas com alguns pequenos detalhes modificados: o cabelo da personagem não é visível e a figura como um todo se apresenta muito masculinizada, bem diferente da representação que a antecedeu. Outro detalhe é que no desenho de 1842, Hervor já está com a mão na espada Tyrfing, enquanto nesta pintura ela apenas se aproxima.



Figura 5: *Hervor*, desenho do escocês William Bell Scott (1811-1890), s.d., possivelmente realizada entre os anos 1860-1880. Fonte: <https://www.nationalgalleries.org/art-and-artists/162922/hervor>



O artista pré-rafaelita William Bell Scott se notabilizou por executar várias obras com temática histórica, clássica e medieval. Na imagem, Hervor se curva para pegar a espada Tyrfring de seu pai, mas somente aparecem os detalhes de uma mão portando o dito instrumento e saindo da terra. Aqui certamente Scott foi influenciado por uma ideia arturiana, a da espada Excalibur, que se levanta das águas ou se fixa em uma pedra. O artista produziu imagens de temática arturiana, como a deslumbrante pintura *The Lamentation of King Arthur* (1860). No desenho, duas pedras ao redor se destacam, possivelmente dois menires. Apesar de outros artistas já terem retratado uma concepção megalítica do túmulo que Hervor visita (como as obras dinamarquesas mencionadas, figuras 1 e 3), aqui Scott pode ter sido influenciado pelo megalitismo das ilhas britânicas, a exemplo de outra imagem arturiana de sua procedência (o desenho *King Arthur's Table near Penrith, Cumbria*, s.d.). No desenho *Hervor*, a personagem segura um bastão, possui um corno preso na cintura, porta uma espécie de bolsa pelas costas e seus cabelos estão soltos e esvoaçantes, uma imagem distante da guerreira geralmente retratada. Talvez Scott tenha retomado elementos femininos presentes em uma outra obra nórdica de sua autoria, *The Norns watering the Tree of Life* (1866), no qual uma das Nornas também porta um corno (um motivo atípico nas representações artísticas modernas sobre Nornas). Mas também é possível que o artista tenha levado em consideração a imagem do andarilho viajante, típica da literatura inglesa desde o medievo. Deste modo, em vez de uma jornada bélica, aqui a jovem Hervor assume uma posição de alguém em busca do conhecimento, mais condizente com a recepção de temas medievais na Inglaterra vitoriana, do qual Scott estava inserido.



Figura 6: *Hveror at Samsö*, 1895, desenho da sueca Jenny Nyström (1854-1946); ilustração para o livro de Ekermann, A., *Från Nordens forntid*, Stockholm, P. A. Norstedt, 1895. Samsö é uma ilha da Dinamarca, o local onde se localiza o túmulo do pai de Hveror, Angantyr.

A ilustradora sueca Jenny Nyström ficou famosa pelas representações de seres femininos e deusas da Mitologia Nórdica, uma pioneira neste tema, ainda durante o século XIX (Campos, 2016, p. 68-74). Neste desenho, ela realizou a representação mais feminina de Hervor, com longos cabelos loiros, portando uma lança, escudo, elmo e um braço apontado para cima, em posição de fala e conclamação. O seu pai está junto a dois outros berserkir, em meio ao fogo que brota de seu túmulo, também portando um elmo com asas laterais – uma imagem consagrada dos Vikings, surgida em 1825 e que se tornou canônica durante o Oitocentos. O seu próprio elmo possui pequenas asas, mas de dragões. Nesta representação, Nyström demonstra todo o seu referencial sobre a antiga mulher nórdica, de modo semelhante a suas outras imagens: ela é poderosa e auto afirmativa, segura de seu papel e de seu destino.

Referências bibliográficas:

Fontes primárias:

ANÔNIMO. O cantar de Hérvor. *Poesía antiguo-nórdica*, Antología (siglos IX-XII). Edición de Luis Lerate. Madrid: Alianza Editorial, 1993, pp. 21-28.

ANÔNIMO. *Saga de Hervör*, edición de Mariano González Campo. Madrid: Miraguano Ediciones, 2003.

DE LISLE, Leconte. L'épée d'Angantyr. *Poesies Barbares*. Paris: Librairie Poulet-Malassis, 1862, pp. 124-128.

MALLET, Paul-Henry. *Introduction à l'Histoire de Dannemarc*, ou l'on traite de la religion, des loix, des mœurs et des usages des anciens danois. Copenhague: L. H. Lillie, 1755.

MALLET, Paul-Henry. *Edda*, ou Monumens de la mythologie celtique et de la poésie des anciens peuples du Nord. Copenhague: Claude Philibert, 1756.

Fontes secundárias:

- BOYER, Régis. Mulheres viris. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, pp. 744-746.
- BOYER, Régis. *Le mythe Viking dans les lettres françaises*. Paris: Editions du Porte-Glaive, 1986.
- CAMPO, Mariano González. La saga de Hervor (*separata in: Saga de Hervör*, edición de Mariano González Campo. Madrid: Miraguano Ediciones, 2003).
- CAMPOS, Luciana de. *Literatura e mito na Escandinávia Medieval: aspectos da mulher guerreira na saga de Hervor*. Tese de Doutorado em Letras, UFPB, 2018. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2018/07/Tese-Luciana-de-Campos.pdf>
- CAMPOS, Luciana de. As deusas de Nyström. *Notícias Asgardianas* 11, 2016, pp. 68-74 (Dossiê: *Os mitos nórdicos nas artes*). Disponível em: <https://www.academia.edu/29067940>
- COPPOLA, Dario Gaetano. Armi incantate e negromancia nella Hervarar saga ok Heidrek. Tyrfingr e il risveglio di Angantyr: riti e armi ponti tra i mondi. *SMSR: Studi e Materiali di Storia delle Religioni* 78(2), 2012, pp. 445-457.
- DINIZ, Thais Flores Nogueira. "Apresentação" in: *Cadernos de Tradução* V. 1, no. 7, 2001. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/430/showToc>.
- LE BRIS, Michel. Barbares romantiques, norsemen et saxons. In: GLOT, Claudine (Dir.). *L'Europe des Vikings*. Paris: Hoebeke, 2002, pp. 176-180.
- MARTINS-DA-SILVA, Regina Céli et al. *Noções morfológicas e taxonômicas para identificação botânica* Brasília, DF: EMBRAPA, 2014.
- VIANEY, Joseph. *Les sources de Leconte de Lisle*. Genève: Slatkine Reprints, 1973.